

**Saberes e práticas comunitárias na confecção do panelão de barro na Ilha de Quatipuru-
Mirim, Amazônia Oriental**

*Knowledge and community practices in the making of clay pots on the Island of Quatipuru-
Mirim, Eastern Amazon*

Keila Cristina Redig Pacheco

Norma Cristina Vieira

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Bragança-PA-Brasil

Nívia Maria Vieira Costa

Instituto Federal do Pará (IFPA)

Bragança-PA-Brasil

Resumo

Este artigo se propôs compreender a materialidade simbólica, afetiva e cultural do objeto cerâmico panelão na comunidade de Quatipuru-Mirim, município de Tracuateua-PA. A pesquisa teve natureza qualitativa. Utilizou-se da História Oral de vida com duas mulheres fazendeiras do panelão. A confecção do artefato panelão surge na ilha de Quatipuru-Mirim para sanar uma necessidade local, cumprindo a função primordial de reservatório d'água, uma vez que a comunidade sofre com a escassez de água. O panelão de barro é uma peça artesanal associada ao uso e às práticas sociais, através de trocas de experiências, aprendizados transgeracionais e saberes ecológicos locais. O processo de construção do artefato cultural panelão reafirma a identidade, os saberes e as vivências do sujeito em uma parte do território amazônico.

Palavras-chave: Saberes; Panelão de barro; Comunidade Tradicional.

Abstract

This paper aims to understand the symbolic, affective and cultural materiality of the clay pot ceramic object on the Island of Quatipuru-Mirim, municipality of Tracuateua, Pará, Brazil. The research had a qualitative nature. The oral life history of two women who make big clay pots was used. The making of these objects appears on the Island of Quatipuru-Mirim to solve a local need, fulfilling the primary function of a water reservoir, since the community suffers from water shortages. The big clay pot is a handcrafted piece, associated with the use and social practices, through exchanges of experiences, transgenerational learning and local ecological knowledge. The construction of the cultural artifact reaffirms the identity, knowledge, and experiences of the subject in a part of the Amazonian territory.

Keywords: knowledge; Big clay pot; Traditional community.

Introdução

Os objetos cerâmicos estão presentes em nosso cotidiano desde os primórdios da história da humanidade e início da civilização, em que os povos desenvolviam para suprir uma necessidade humana na armazenagem dos alimentos e ornamentação, como exemplificação têm-se os utensílios de cozinha: pratos, travessas, canecas, potes, entre outros utensílios domésticos construídos em cerâmica.

A experiência na modelagem atravessa as comunidades tradicionais amazônicas e revela a sua forma de interação com a natureza/ambiente, em sintonia e constante relação com a vida cotidiana, com suas crenças e seus valores, expressando em sua forma particular a materialização de significados elaborada para satisfazer uma necessidade da sociedade local. A composição do barro, sua forma de preparo, suas técnicas e modos de feitura da peça em cerâmica constituem-se em arte no ato de fazer-se produção.

Este artigo, fruto da dissertação do Mestrado em Linguagens e Saberes da Amazônia, da UFPA/ Campus Bragança - se propôs a compreender a materialidade simbólica, afetiva e cultural do objeto cerâmico panelão, assim como seus atravessamentos na domesticidade, como resistem ao tempo, recontando sua historicidade nas múltiplas formas de (re) existir dos povos Amazônicos.

A confecção do artefato panelão surge na ilha de Quatipuru-Mirim para sanar uma necessidade local, cumprindo a função de reservatório d'água, pela maioria da população, uma vez que a comunidade sofre com a escassez de água. Este objeto cerâmico possui grande representatividade cultural, pelo fato da comunidade não possuir sistema de abastecimento potável no local.

Durante o período do inverno amazônico a população local abastece-se através da coleta de água da chuva e no verão deslocam-se por meio de pequenas embarcações até o porto da Alemanha – ponta do continente, para o abastecimento de água potável.

Pode-se considerar o panelão como um utensílio doméstico construído na própria comunidade pelas mãos das mulheres, as quais são chamadas de fazedeiras. São elas que constroem, temperam e modelam as louças, ou seja, dominam os saberes da ciência do barro.

Este estudo foi desenvolvido na comunidade de Quatipuru-Mirim, Município de Tracuateua, no estado do Pará. A comunidade extrativista pesqueira de Quatipuru-Mirim está dentro do limite da área que faz parte da Reserva Extrativista Marinha de Tracuateua,

localizada à margem do Oceano Atlântico, uma ilha cercada de vegetações do tipo restinga, dunas e manguezais.

De acordo com os dados dos agentes comunitários de saúde (ACS), Quatipuru-Mirim possui uma população estimada de 327 (trezentos e vinte e sete) pessoas, com um número de 107 (cento e sete) famílias habitando na ilha, a sua base econômica é a pesca artesanal de diferentes espécies de peixes, crustáceos e moluscos.

Metodologia da Pesquisa

A presente pesquisa teve natureza qualitativa, seu campo de investigação foi transdisciplinar, envolvendo as ciências sociais e humanas, podendo ser compreendida como o campo de estudo que busca encontrar o sentido do fenômeno investigado e interpretar os significados que as pessoas atribuem a eles, estas podem ser descritas e analisadas sem precisar de quantificações estatísticas (CHIZZOTTI, 2013).

A pesquisa foi desenvolvida através da técnica da triangulação dos dados, Observação/História Oral/Entrevista, que por meio desse direcionamento multifacetado alcançou um olhar mais completo do fenômeno estudado. Para Tuzzo e Braga (2016), a complexidade do mundo moderno exige metodologias capazes de considerar os olhares e prismas sobre um mesmo objeto, que possui vários lados e muitas formas de ser contemplado e, por diversas vezes, impossível de ser visto em sua totalidade a partir de um único ângulo. Assim, esta ideia reafirma a certeza de que cada prática garante uma visibilidade diferente ao mundo e, é na adoção de multimétodos que se busca o olhar multifacetado das pesquisas (TUZZO; BRAGA, 2016).

Desse modo, a coleta de dados foi realizada a partir de três técnicas distintas, a observação direta, a fim de descrever criteriosamente o objeto investigado, a História Oral de Vida, com as artesãs que produzem os painéis na ilha e a entrevista semi-estruturada com os moradores locais sobre a representação dos painéis e sua utilização, entre os anos 2020 e 2022.

Foi necessária a utilização de máquina fotográfica, com uso de câmera digital marca Sony Lens 16.1 Mega pixels, modelo SC Cyber shot, prancheta, questionários impressos, gravador de mão, gravador de voz da marca Sony stereo IC Recorder e modelo ICD-PX470, um diário de campo como instrumento para descrever as percepções da comunidade em relação ao artefato pesquisado, as ações das fazendeiras, saberes, convívio e suas relações ou práticas produtivas com o painel.

É de suma importância dizer que, para a seleção dos colaboradores, aplicou-se o método de amostragem bola de neve, por se tratar de população difícil de ser acessada. O método possui a finalidade de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, de modo geral dentro da população local (VINUTO, 2014), assim:

A amostragem de bola de neve é utilizada principalmente para fins exploratórios, usualmente com três objetivos: desejo de melhor compreensão sobre um tema, testar a viabilidade de realização de um estudo mais amplo, e desenvolver os métodos a serem empregados em todos os estudos ou fases subsequentes. É importante ressaltar que a amostragem em bola de neve não é um método autônomo, no qual a partir do momento em que as sementes indicam nomes, a rede de entrevistados aumenta por si mesma (VINUTO, 2014, p. 205).

O projeto de pesquisa foi submetido aos procedimentos éticos, para que se pudesse obter a autorização para a realização pesquisa. Realizou-se o cadastro do projeto de pesquisa no Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade – SISBIO, o qual está vinculado ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO). É regulamento desse sistema o envio de relatórios anualmente para que se obtenha a pesquisa validada. A proposta de pesquisa, bem como os questionários e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, também foram submetidos na Plataforma Brasil para o Comitê de Ética da UFPA, para fins de autorização da pesquisa e aprovado em seguida.

O anonimato das colaboradoras foi garantido, fizemos uso de pseudônimos para identificar os/as participantes/as. Por se tratar de um estudo de cunho social, o processo de análise dos dados foi realizado por meio da análise discursiva, categoria que trabalha com o sentido e significados, tendo a fala como forma de materialização do discurso, e por fim foram organizadas e analisadas com recursos de investigação qualitativa.

A cultura material no artesanato dos painéis em comunidade tradicional na Amazônia

O painelão de barro construído pelas mãos das fazendeiras na comunidade de Quatipuru-Mirim é um objeto estreitamente relacionado à simbologia da peça artesanal associado ao uso e as práticas sociais. A materialidade dessa produção, assim como suas características peculiares permeiam a capacidade do sujeito produtor quanto quem o utiliza e sua permanência de perdurar no tempo, uma vez que o artefato painelão tende a estar relacionado com a memória, ou ser ele próprio um tipo de memória.

De acordo com Morigi *et al.* (2012) a memória emerge nos grupos e em seus rituais. Para o autor, a memória é uma construção social, sendo assim, tende-se a sofrer modificações ao longo do tempo, uma vez que é produzida por humanos em suas relações e experiências vividas, mais que um registro histórico dos fatos, as memórias são fatores significantes da vida social do presente, estando em permanente reconstrução.

As afirmações de identidade e de construções de memórias estão articuladas à cultura material por meio das diferentes formas que manifestamos e agimos sobre as coisas e o mundo, integrando nossa cultura ricamente de diversos saberes e expressões culturais. A memória desempenha um fundamental papel nas histórias das comunidades tradicionais, porque permite compartilhar suas experiências atreladas às representações, afetos e saberes, os quais integram e constroem a subjetividade dos sujeitos e dos objetos.

Tomando como base a pesquisa de Guimarães (2011) sobre a vida social dos balaios, a autora assinala a necessidade em conhecer o uso de determinado objeto em sociedade, percebendo sua construção cultural e sua funcionalidade específica, para assim entender a forma que esse objeto foi construído, sua simbologia e natureza sociocultural, uma vez que “não basta que objetos sejam materialmente produzidos como coisas, eles devem ser também cognitivamente assinalados como determinados tipos de coisas” (GUIMARÃES, 2011 p.129).

Dessa maneira, o objeto panelão adentra a comunidade de Quatipuru-Mirim para suprir uma necessidade local como assinala a moradora Dona Jadeíte (2022) “[...] eu comecei a fazer panelão, porque o povo mandava eu fazer para aparar água da chuva”. Nesse contexto, o panelão representa a história de organização social e suas mudanças ao longo da história da comunidade. Assim, entendemos que o objeto passa a ser parte efetiva de subjetivação, sua presença e produção detêm um vasto conhecimento e os sujeitos que fazem uso desse objeto se apropriam com valor simbólico sendo um elemento indispensável nas residências dos moradores.

Nessa constituição da relação de sujeito e objeto, a cultura material nos reporta para refletirmos o objeto e sua representação social, histórica e cultural, entendendo-o como parte integrante na existência do ser e nas relações sociais, de forma a conceber o seu valor incessantemente como membro constituinte de todo esse processo de construção, o qual a memória está também corporificada nessa imbricação.

Contudo, esses processos de subjetivação, do “valor simbólico”, da relação entre sujeito e objeto, as representações sociais, históricas e culturais, devem ser consideradas a partir de um fenômeno intrínseco a ele e as perspectivas da modernidade e pós-modernidade cujos grupos sociais já estão submetidos.

Assim, o material não é neutro porque adquire vida própria quando este é calcado de valor simbólico em suas práticas culturais de uso, demonstrando também seu valor afetivo de pertencimento para determinado grupo. Além disso, nota-se sua singularidade e especificidade, sendo corporificados como um processo autônomo e hegemônico, revelando a ontologia do conhecimento, cujo processo de construção nos permite identificar traços de cultura e de identidade de um determinado povo, assim como sua história e vivência.

Os objetos fazem parte de nossa vida e marcam as rupturas que nela ocorrem, determinam uma época, recontam sua historicidade e suas diferentes formas de existência de um grupo específico. Por esse viés, compreendemos que o objeto panelão pode ser representado como um signo, repleto de sentidos e significados.

Diante dessa perspectiva, Martins (2014) assinala o objeto como “agência” nos permitindo refletir como este objeto é reapropriado no tempo/espaço, e quais as relações socioculturais associadas a essa construção pela perspectiva da sua materialidade e valor simbólico. Nesse ínterim, o autor evidencia o quanto os objetos se misturam a vida humana, “em sua presença incontornável e difusa, usados privada ou publicamente, colecionados e expostos em museus ou como patrimônios culturais no espaço das cidades, os objetos influenciam a vida de cada um de nós” (MARTINS, 2014, p.344). Diante do exposto podemos mensurar também que os objetos são patrimônios culturais individuais ou coletivos quando partilhado com o grupo, os quais muitas vezes são heranças que se perpetuam entre gerações, preservando a sua identidade e origem no decorrer do tempo.

O artefato cultural panelão carrega consigo as marcas das formas de viver de um povo, como podemos observar nesse seguimento, o panelão integra com forte valor simbólico as residências na ilha, uma vez que “[...] a maioria usa para colocar água no jirau, tem uns que ainda faz esse tipo de utilidade né, de armazenar água da chuva, aí enche todinhas as vasilhas e depois vai tirando aos poucos, tem pessoas que ainda faz isso” (D. Esmeralda, 2020). Stallybrass (2008) faz referência sobre o quanto os objetos estão

propriamente associados à vivência humana, imbuídos de simbologia, e que eles por si só possuem vida, afirma ainda que:

As roupas recebem a marca humana. As jóias duram mais que as roupas e também podem nos mover. Mas embora elas tenham uma história, elas resistem à história de nossos corpos. Duradouras, elas ridicularizam nossa mortalidade, imitando-a apenas no arranhão ocasional (STALLYBRASS, 2008, p.11)

Os objetos possuem sua singularidade específica. Essas características peculiares reforçam as identidades sociais de um grupo que perdura em sua memória, ao longo dos tempos, através de suas práticas cotidianas fazendo-as imortais. Essa singularidade transgredida nas peças de cerâmica reafirma também as formas de pertença que os sujeitos agregam, como evidencia Dona Esmeralda (2020) “[...] eu fazia alguidar, torradeira, mas não vendia nada, eu tinha pena de vender o panelão, se eu vender ficava em falta quando um filho queria um panelão, eu não vendia o panelão, eu dava pra ele”.

A concepção cultural de um povo nos permite adentrar em sua história, possibilitando ver o mundo através do olhar do outro em uma relação discursiva e dialógica acerca do modo de vida, representatividade cultural e identidade social. Escobar (2005, p.65) destaca que “[...] a natureza e a cultura devem ser analisadas, portanto, não como entes dados e pré-sociais, e sim como construções culturais”, uma vez que a sociedade humana determina seu funcionamento por meio das construções sociais apreendidas e construída nas diversas relações com o meio.

A respeito desse conhecimento local e as relações sociais na estruturação de modelos culturais assinalados por Escobar (2005), podemos dizer que estas relações sociais também se diferem do tipo moderno, capitalista, pois sua cultura está enraizada através de símbolos, rituais e práticas imersas nesse contexto relacional. Diegues (2000, p.15) afirma que “as culturas e os saberes tradicionais podem contribuir para manutenção da biodiversidade dos ecossistemas [...] esses saberes são o resultado de uma coevolução entre as sociedades e seus ambientes naturais”. É possível verificar os saberes da tradição nos dizeres da Dona Esmeralda (2020):

[...] fogueira ao céu aberto no quintal, botava na tampa e cobria tudinho de pau em pé. Em um dia queimava bem uns três, não demorava, quando o fogo acabava tirava logo, ficava encarnadinho. Era mais ou menos 20 minutos queimando em fogo alto, depois tirava para esfriar, com umas 4 horas ele já estava frio, levava pra dentro de casa ou vendia.

Cabe ressaltar como as comunidades tradicionais se desenvolvem e de que forma são caracterizados seus espaços, território, lugar e sua economia. Nessa perspectiva, Leff (2001, p.262) corrobora como as ciências se constroem, evidenciando sua apropriação com a natureza e o saber advindo desse processo congruente, afirma que “se as ciências têm sido o meio mais eficaz para o domínio e a exploração da natureza e para o controle social na modernidade, o saber tem sido sempre e continua sendo o processo que intervém nas formas simbólicas de significação e apropriação do mundo”.

Diante desse processo de significação simbólica e a maneira como o saber se constrói, vale destacar as peculiaridades das comunidades tradicionais da Amazônia. É através de suas práticas produtivas e manifestações culturais, que reafirmam sua identidade cultural e social. Além disso, as culturas tradicionais se distinguem ao modo de produção capitalista, porque reproduzem suas atividades econômicas interligadas ao uso dos recursos naturais, assim, essas sociedades desenvolveram formas próprias de manejo dos recursos naturais que não visam diretamente o lucro, mas a reprodução cultural e social, como também percepções e representações em relação ao mundo natural (DIEGUES, 2000).

Sobre povos e comunidades tradicionais, Diegues (2000) conceitua como grupos humanos culturalmente diferenciados que historicamente reproduzem seu modo de vida com base em modos de cooperação social e formas específicas de relações com a natureza, caracterizados, tradicionalmente, pelo manejo sustentável do meio ambiente.

Nota-se que a dinâmica das relações de grupos sociais e seu conhecimento cultural dependem de sua interação com o meio. O conhecimento local opera na conservação das heranças culturais construídas de maneira dinâmica através das transmissões orais repassadas de geração a geração. Desse modo, é pertinente enfatizar que a cultura demarca o lugar, seu conhecimento local e modos de produção econômica. Ainda segundo Diegues (2000, p.7), a manutenção dessa cultura evidencia “que o manejo e a gestão das áreas naturais podem estar profundamente ligados à visão de mundo e práticas culturais simbólicas das chamadas comunidades tradicionais e não exclusivamente, a conceitos e práticas científicas, em sua acepção moderna”.

A cultura artesanal se desenvolve desde o processo histórico da humanidade, quando os sujeitos utilizavam os recursos expostos na natureza para sua sobrevivência, construindo modos de produção, agregando técnicas e utensílios para atender às suas

necessidades diárias. Técnicas essas que se tornam tradições, quando cultuadas e mantidas pelas comunidades e repassadas ao longo das gerações.

São notáveis as marcas subjetivas da identidade de um povo por meio de suas formas de construção social e seu conhecimento local, determinando sua cultura e apropriação com a natureza. Gonçalves (2005) evidencia a necessidade da manutenção não somente como prática, mas também como reforço memorial que a peça cerâmica, dentre tantas outras maneiras, mantém a identidade étnica de um povo.

A arte dos saberes e fazeres de alguidares, panelões, potes, pratos e tigelas pelas mãos das fazedoiras na Comunidade Praia de Quatipuru-Mirim permite adentrarmos em sua cultura, reafirmando sua identidade local e memórias que possibilitam conhecer a historicidade e a experiência na arte de modelagem.

Outra categoria necessária a ser enfatizada é o processo de territorialização baseada nos estudos de Oliveira e Maneschy (2014). Os autores apresentam a aceitação de povos tradicionais e suas práticas de produção/reprodução como parte da existência a partir do uso de elementos da natureza, isto é, territórios também podem ser definidos como espaços coletivos material, simbólicos e afetivos. Nesse sentido, Little (2002, p. 11) acrescenta que a apropriação dos territórios tem relação com o “tempo de ocupação efetiva” pelos grupos, o que confere um “peso histórico às suas reivindicações territoriais”.

A noção de território assinalado nesse trabalho está ligada à forma como a comunidade de Quatipuru-Mirim se organiza, sua apropriação, modos de produção e reprodução. As comunidades tradicionais mantêm suas tradições culturais e se atualizam em uma constante transformação, são dinâmicas e se constituem permanentemente. Segundo Little (2002, p.03), “a territorialidade é definida como o esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico”. É também um lugar de trocas de saberes e aprendizados coletivos.

Tinha que temperar o barro para não espocar a louça, porque se não temperasse bem com o caco, ele espocava tudinho. Peneirava o caco em uma peneira. Nós botava de molho o barro, aí ele mulícia, quando tava mole, a gente ia misturar com o caco, a gente ia amassar com o caco, caco de outro panelão socava e coava assim na peneira, eu amassava, fazia outro e colocava lá, deixava secar pra depois queimar (Dona Jadeíte, 2022).

Escobar (2005, p.66) cita que “os seres humanos estão arraigados na natureza e imersos em atos práticos localizados”. Os modelos locais resultam de muitos tipos de práticas e relações, dentre elas, as relações entre os humanos e os não humanos. Para Stuart Hall (2019), a identidade cultural do sujeito ocorre na relação do mundo interior com o mundo exterior. A noção de identidade é compreendida como processo transformado a partir das interações culturais com o meio que habitam, segundo o autor “o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas esse é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem” (HALL, 2019, p.11).

Diegues (2000), afirma que cada povo possui uma característica própria de organização, do ponto de vista cultural e social, a manutenção dessa diversidade cultural possibilita manter viva sua tradição, saberes e identidades culturais. Os conhecimentos dos povos tradicionais são fortemente marcados por sua diversidade biológica e cultural, sua estrutura simbólica e sistemas de manejo que reforçam sua conservação ambiental e dependência com os recursos naturais.

Nessa dinâmica de organização social, os povos tradicionais têm sua vida intimamente ligada aos recursos naturais e às forças da natureza que fazem parte das representações sociais. Essa estrutura organizacional de povos tradicionais está fortemente percebida na comunidade de Quatipuru-Mirim, e o processo de construção do artefato cultural panelão reconta a historicidade local e reafirma a identidade, os saberes, as vivências do sujeito em uma parte do território amazônico.

A Memória e o afeto atravessados pelo panelão

O panelão existe com grande representatividade sociocultural na comunidade, trata-se de um utensílio necessário para o armazenamento de água e outros fins domésticos. “Eu gostava era muito, gostava de fazer panelão... eu comecei a fazer panelão, porque o povo mandava eu fazer para aparar água da chuva” (Dona Jadeíte, 2022). Compreendemos aqui a necessidade de uso desse objeto, sua funcionalidade atravessa a história de existência da comunidade, uma vez que a comunidade sofre com a escassez de água potável, necessitando do objeto como coleta e armazenamento de água da chuva.

Ao resistir no tempo, o objeto cerâmico mistura-se entre a vida própria e aquela do mundo (PIETZ, 1985) e ficam integralizados nos lugares, nas coisas e nos seres como parte da sua existência. É nessa relação que Sansi (2013, p.120) evidencia que os objetos assumem

“a condição de símbolos ou valores”, apropriando-se de uma alma ou agência das coisas. De acordo com essa proposição, o panelão constitui-se na condição de objeto para sanar uma necessidade local, a escassez de água e suas dimensões de uso demonstram seu domínio entre as pessoas e seus antepassados, haja vista que permanecem entrelaçados os objetos comumente aos modos de existência dos povos, que em certa medida, reiteram e validam sua influência na vida humana.

Sobre essa incorporação dos objetos, Bitter (2013, p.142) nos desperta para pensarmos sobre as interações entre sujeitos e os objetos e seus modos de acionarmos o conhecimento e o pensamento, segundo o autor “sujeitos não se configuram independentemente dos objetos, assim como o pensamento e a ação não se desenvolvem fora da materialidade”. De fato, os objetos integram a vida humana através das relações simbólicas, afetivas, as quais tendem a produzir efeitos sobre os indivíduos e suas relações. Desse modo, o objeto cerâmico panelão, configura as ações humanas fortemente ligadas à experiência ceramista e apresenta a sua historicidade de modo indissociável entre a relação sujeito e objeto, uma vez que os objetos se materializam como um corpo, “além de funcionar efetivamente como extensão de seus usuários, também os constituem como pessoas” (BITTER, 2013, p.149).

“A lenha é lá do mangual, era siribeira, era tinteira, era mangueiro ela cortava os pedaços e fazia aquela fogueira, mas também nem parecia o panelão porque ela tinha que queimar bem queimadinho” (Dona Pérola, 2022). Notamos no discurso a utilização dos recursos da floresta de manguezal na construção das peças, além disso um valor de pertencimento, identidade e afetividade agregados aos panelões. Dona Esmeralda, por exemplo, não vendida suas peças, cada objeto feito era único e representava uma materialidade simbólico-afetiva para ela enquanto criadora. A necessidade para o autoconsumo familiar também era parte da recusa à venda.

Eu não ganhei dinheiro com o panelão, porque eu não vendia, eu tinha mais de 40 panelão que eu fazia, eles vinham atrás de comprar, mas eu não vendia, eu não vendia porque eu queria pra eu usar, era pra mim, [...] vendia nada, eu tinha pena de vender o panelão (Dona Esmeralda, 2020).

Nessa conjuntura, entendemos que os territórios da Amazônia são construções históricas e sociais, surgem como identidades coletivas que permitem conhecer a história,

modos de vida e a relação de um povo com os recursos naturais. Um lugar de pertencimento afetivo. De acordo com Medeiros *et al.* (2009), “território é, pois, um novo paradigma que responde a um certo número de funções geográficas, sociais e políticas, que se inscrevem no universo da memória, das representações e dos valores” (p.01). Todavia, os territórios são espaços de poder podendo ser concreto ou simbólico (ou ambos), não são estáticos, são dinâmicos e se configuram em espaços de domínio e disciplinarização do indivíduo.

Essa subjetivação do objeto pode ser pensada através da cultura material cujos objetos possuem sua efetivação e autonomia, o qual sua materialidade é percebida no mundo como um corpo vivo, reconhecendo os objetos como portadores de uma “alma” (GONÇALVES *et al.*, 2013). Essa simbologia construída no objeto é marcante no artesanato do panelão como representação da cultura e da identidade de um povo que o reconhece como patrimônio afetivo-social, construído para atender uma necessidade local.

Saberes e práticas comunitárias na confecção do panelão de barro

O processo de construção do panelão possui suas peculiaridades, o qual cada fazendeira possui seus saberes e formas de construção, sendo detentoras de um saber tradicional muito importante para a sobrevivência e para o processo de construção de memória coletiva e da identidade social.

Entendemos por construção de memória coletiva, aquela que é constituída socialmente entre os grupos e parte de sua relação com o meio, transcorre por suas experiências e nos permite conhecer com detalhes um acontecimento, objeto, acionando um pensamento ou conhecimento comum assimilado pelo grupo. Para que se faça parte de uma memória coletiva é necessário ser membro desse grupo, sendo capazes de reencontrá-las quando desejarmos evocá-las (HALBWACHS, 1968). O autor reafirma que a memória de grupos ou memória coletiva se estabelece para se obter uma lembrança.

Assim, as lembranças permanecem coletivas, e por sua vez, serão lembradas pelos outros, embora se trate de “acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, é porque, em realidade, nunca estamos sós” (HALBWACHS, 1968, p.26). Partindo desse pressuposto, aferimos que o objeto panelão na ilha de Quatipuru-Mirim assume uma fundamental importância de reafirmar e resistir à memória de um grupo, que por sua vez, reconhece sua existência ao revelar o seu valor transposto em sua historicidade e materialidade.

Descrever os fatos ou os objetos é reconstruir na memória traços reais de uma história, não apenas como memória individual, mas como parte integrante do grupo e assim reafirmar laços que, por vezes “continuamos capazes de nos identificar com ele e de confundir nosso passado com o seu” (HALBWACHS, 1968, p.28).

Na comunidade de Quatipuru-Mirim, a presença material do objeto panelão integra a memória coletiva e permite reviver sua cultura e modo de viver dos povos amazônicos, por meio do conhecimento empírico das fazedoiras em sua produção cerâmica, o que nos motiva a resgatar a historicidade de seu povo e conhecer os conhecimentos constituídos em sua tradição no ato de fazer panelão.

Sobre esse conhecimento, Almeida (2007) corrobora que o conhecimento científico e os saberes da tradição não correspondem a níveis superiores e inferiores de conhecer. Eles expressam, de fato, graus e escalas de afastamento da leitura do mundo. É importante que se promova o diálogo entre esses dois modos de realizar ciência, que se possa pensar a natureza, incluindo o próprio humano e exercitando a escuta com outras formas e linguagens dos fenômenos. A autora também nos convida a refletirmos sobre a necessidade de fazermos a imersão nessas duas vertentes, uma vez que “o encontro entre ciência e saberes da tradição é, portanto, urgente e inadiável” (ALMEIDA, 2007, p11).

Esse conhecimento não se restringe à confecção da peça em si, vai mais além, passa pela sutileza em perceber os diferentes tipos de barro, a necessidade em realizar as misturas, a necessidade da aplicação da técnica de pintura, o tempo para o processo de queimação, assim como o espaço para feitura da peça (VIDEIRA *et al.*, 2011).

Cada peça de cerâmica passa a ter um significado afetivo único para a fazedira, para a comunidade, com importância afetiva, simbólica e utilitária. São relações construídas com o objeto, muito específicas e diferentes quando comparadas com as produções capitalistas, que de maneira geral, o fim é o consumo e o acúmulo de capital, com pouco ou nada de sentimento envolvido.

Os saberes da tradição são repassados entre as gerações. A transgeracionalidade, conforme Menda (2013), significa fazer passar um objeto de identificação, um pensamento, uma história ou afetos de uma pessoa, de um grupo para outro, de uma geração para outra.

É perceptivo que o conhecimento da cultura do barro trata-se de um conhecimento transgeracional, perpassado entre pais/filhos e avós/netos, os quais ao longo das gerações

perpetuam sua cultura e ensinamentos, tal como está apresentado no relato de dona Esmeralda,

Eu aprendi a fazer com a minha mãe, a minha mãe que fazia, [...] minha mãe disse que ia me ensinar, ela não dava mais conta de fazer, então ela foi ensinando, aí eu fiz o panelão da minha cunhada aí pronto bastou isso, aí tinha minha comadre também que ia fazendo morava aqui perto de casa e eu já ia fazendo junto com ela (Dona Esmeralda, 2020).

Os dizeres de dona Esmeralda marcam a ancestralidade da arte ceramista do panelão em Quatipuru-Mirim. Dona Jadeíte (2022) reforça, a seguir, os atravessamentos familiares no aprendizado do saber-fazer as peças ao dizer que, “minha mãe fazia, eu tava me enxerindo lá fazia caquinho, colocava no sol, até que eu aprendi”.

A cerâmica vem sendo produzida ao longo do tempo por diferentes grupos familiares e detém como marca distinta o enraizamento da cultura indígena. Um conhecimento milenar perpassado entre gerações, uma herança, tradição, um conhecimento singular que denotam a realidade social, cultural e histórica das comunidades. A manutenção dessa herança permite resgatar e manter viva a história de um povo (VIEIRA *et al.*, 2015).

São as mulheres que detêm os saberes do manejo do barro. As fazedeiras da comunidade pontuam que aprenderam a modelar a cerâmica com sua mãe, que também aprendeu com suas antepassadas. São visíveis os lugares constituídos de gênero na feitura dos panelões na comunidade de Quatipuru-Mirim, as mulheres lideram todo o processo de construção das peças e repassam para outras mulheres. São lugares engendrados que atravessam o tempo. A domesticidade do uso da cerâmica que determinada, em grande medida, a presença da mulher à frente do ofício.

Considerações finais

A cultura artesanal se desenvolve desde o processo histórico da humanidade, quando os sujeitos utilizavam os recursos expostos na natureza para sua sobrevivência, construindo modos de produção, agregando técnicas e utensílios para atender às suas necessidades diárias.

A materialização do panelão representa de modo simbólico, afetivo e cultural a organização de um povo amazônico. O objeto cerâmico panelão passa a representar um signo repleto de sentidos e significados. Assim, compreendemos os objetos como parte da

vida humana, os quais marcam as rupturas que nela ocorrem, determinam uma época, recontam sua historicidade e suas diferentes formas de existência de um grupo específico.

Nesse sentido, o processo de construção do artefato cultural panelão reconta a historicidade local e reafirma a identidade, os saberes, as vivências do sujeito em uma parte do território amazônico. Essa construção é perceptiva através da dinâmica de organização social que os povos tradicionais têm. Seus modos de vida estão historicamente associados aos recursos naturais e às forças da natureza.

O saber-fazer panelão de barro visibiliza peculiaridades na estrutura representativa do objeto: simbólica, afetiva, material, geracional, de gênero. São memórias coletivas, ainda presentes, de um povo, marcadas por construções estratégicas de resistências e sobrevivências em um território com escassez de água potável.

Referências

ALMEIDA, Maria da C. de & CENCIG. Paula V. **A natureza me disse** / Francisco Lucas da Silva. Natal: Flecha do Tempo, 2007.

BITTER, Daniel. Bandeiras e Máscaras: Sobre a Relação entre Pessoas e Objetos Materiais na Foliás de Reis. In: GONÇALVES, José Reginaldo Santos; BITAR, Nina Pinheiro; GUIMARÃES, Roberta Sampaio (Orgs.). **A alma das coisas: patrimônio, materialidade e ressonância**. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2013.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2013.

DIEGUES, Antônio Carlos, ARRUDA, Rinaldo Sérgio Vieira (orgs.). Os saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil. São Paulo: **NUPAUB-USP: MMA**, p. 1-71, 2000.

ESCOBAR, Arturo. “O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento”. In: LANDER, Eduardo. A colonialidade do saber: eurocentrismo e Ciências Sociais – Perspectivas latino-americanas. Colección Sur Sur, **CLACSO**, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, setembro 2005, p.63-79.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos; BITAR, Nina Pinheiro; GUIMARÃES, Roberta Sampaio (Orgs.). **A alma das coisas: patrimônio, materialidade e ressonância**. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2013.

GUIMARÃES, Roberta Sampaio. Entre vulgarizações e singularizações: notas sobre a vida social dos balaios. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 17, n. 36, p. 127-143, jul./dez. 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Traduzido do original francês *Lá Mémoire collective*, 2 ed. Presses Universitaires de France, Paris, França, 1968.

HALL, Stuart, 1932-2014. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Stuart Hall; tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder**. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth - Petrópolis, RJ : Vozes, 2001.

LITTLE, P. E. Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil: Por uma antropologia da territorialidade. Brasília: **Série Antropologia**, n. 322, Ed. UNB, 2002.

MARTINS, Patrícia. GONÇALVES, José Reginaldo; BITAR, Nina Pinheiro & GUIMARÃES, Roberta Sampaio. 2013. A alma das coisas: patrimônios, materialidade e ressonância. Rio de Janeiro: Mauad: FAPERJ. 296 pp. **Anuário Antropológico/2013**, Brasília, UnB, 2014, v. 39, n. 2: 343-347.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Território, Espaço de Identidade. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (Orgs.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 1º ed. Expressão Popular. São Paulo, 2009, p. 217-227.

MENDA, Leniza Kautz. Diário da queda: a força da transmissão entre gerações e a transgeracionalidade. **Web Moisaica** – revista do Instituto Cultural Judaico Marc CHAGALL, v.5 n.2 (jul-dez), 2013.

MORIGI, Valdir Jose; ROCHA, Carla Pires Vieira; SEMENSATTO, Simone. Memória, representações sociais e cultura imaterial. **Morpheus**-Revista Eletrônica em Ciências Humanas - Ano 09, número 14, 2012 ISSN 1676-2924.

PIETZ, William. **The Problem of the Fetish**, I. RES, Anthropology and Esthetics, n. 9, p. 5-17, primavera 1985.

SANSI, Roger. A Vida Oculta das Pedras: Historicidade e Materialidade dos Objetos no Candomblé. In: GONÇALVES, José Reginaldo Santos; BITAR, Nina Pinheiro; GUIMARÃES, Roberta Sampaio (Orgs.). **A alma das coisas: patrimônio, materialidade e ressonância**. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2013.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupas, memória, dor**. tradução de Tomaz Tadeu. - 3. ed. - Belo Horizonte Autêntica Editora, 2008.

TUZZO, S. A; BRAGA, C.F. O Processo de Triangulação da Pesquisa Qualitativa: O Metafenômeno como Gênese. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo (SP), v.4, n.5, p.140-158, ago.2016.

VIEIRA, N. C; SIQUEIRA, Deis, GOMES, Maria; EVER, Marcella. Trabalho e Gênero em Comunidades Extrativistas da Costa Paraense. **Caderno Espaço Feminino** - Uberlândia-MG - v. 28, n. 1 – Jan./Jun. 2015 – ISSN online 1981-3082.

VINUTO, Juliana. A Amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Revista Temáticas**, 22(44): 203-220, ago/set, Campinas, 2014.

Sobre os autores

Keila Cristina Redig Pacheco

Graduada em Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Bragança, Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Pan Americana (FPA), Mestre no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Linguagens e Saberes da Amazônia (PPLSA), Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus de Bragança. E-mail: keila.redig@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8341-2697>.

Norma Cristina Vieira

Professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Linguagens e Saberes da Amazônia (PPLSA), Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus de Bragança (CBRAG). E-mail: normacosta@ufpa.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2618-3346>

Nívia Maria Vieira Costa

Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA/ Campus Bragança. Pós doutora em Educação (Universidade de Coimbra), Doutora em Educação (UFC). E-mail: nivia.costa@ifpa.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1077-8011>.

Recebido em: 28/03/2023

Aceito para publicação em: 09/05/2023